

Ler sobre si... Potencialidade da literatura infanto-juvenil para a construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens na Educação Básica

Silvia Letícia Costa Pereira Correia¹

Andrea Coelho Lastória²

Sérgio Luiz de Souza³

Resumo: O artigo discute a potencialidade da literatura infanto-juvenil para a construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens, na Educação Básica. Parte da seguinte questão: de que maneira a literatura infanto-juvenil potencializa a construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens em idade escolar? Participaram treze professoras da Educação Básica, dos municípios de Salvador/BA e Simões Filho/BA, que responderam a um questionário com questões abertas. As respostas foram analisadas com base na análise de conteúdo (BARDIN), e à luz de pesquisadores como Gomes, Souza, Quijano, Gusmão, dentre outros. Os resultados apontam que o trabalho com a literatura infanto-juvenil, possibilita abordar sobre estéticas, história, diversidade e outros fatores. Neste cenário, a literatura é ressignificada como uma alternativa para a desconstrução de estereótipos em prol da Educação antirracista.

¹ Pós-doutoranda no Programa de Estudos Territoriais (PROET) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós-doutorado em Educação pelo Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo (FFCLRP - USP). Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB). Professora e Coordenadora Pedagógica na Rede Municipal de Ensino de Salvador/BA. E-mail: silviacorreia@educacaosalvador.net

² Livre Docente em Educação, na área de Ensino de Geografia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP - Universidade de São Paulo - USP. Pós-Doutorado em Didática da Geografia e História na Universidade de Oviedo - Espanha. Mestre e Doutora em Educação, na área de Metodologia de Ensino, pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP de Rio Claro e em Pedagogia pela Faculdade Plínio Augusto do Amaral (SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFCLRP. Professora das Licenciaturas em Ciências Agrárias e Ciências Biológicas da ESALQ e Professora Colaboradora no Curso de Pedagogia do Departamento de Educação, Informação e Comunicação - DEDIC, na FFCLRP/USP. E-mail: lastoria@ffclrp.usp.br

³ Pós-Doutorado em Sociologia da Educação junto ao Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo (FFCLRP - USP). Doutor em Sociologia pela PPGCS - FCLAR - UNESP. Professor Adjunto - Departamento de Ciências Sociais - Universidade Federal de Rondônia. Professor do Mestrado em História da Amazônia - UNIR (Porto Velho). Pesquisador Associado - Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN) UNESP - Araraquara - SP. E-mail: sergiosouza@unir.br

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil; Identidades Étnico-Raciais; Educação Básica; Educação antirracista.

Reading about oneself... The potential of children's and young adult literature for the construction of ethnic-racial identities in children and youth in Basic Education

Abstract: The article discusses the potential of children's and young adult literature for the construction of ethnic-racial identities in children and young people in Basic Education. It starts with the following question: in what way does children's and young adult literature enhance the construction of ethnic-racial identities in school-aged children and young people? Thirteen teachers from Basic Education, from the cities of Salvador/BA and Simões Filho/BA, participated and answered an open-ended questionnaire. The responses were analyzed based on content analysis (BARDIN) and in light of researchers such as Gomes, Souza, Quijano, Gusmão, among others. The results indicate that working with children's and young adult literature allows for addressing aesthetics, history, diversity, and other factors. In this scenario, literature is redefined as an alternative for the deconstruction of stereotypes in favor of anti-racist education.

Keywords: Children's and Young Adult Literature; Ethnic-Racial Identities; Basic Education; Anti-Racist Education.

Introdução

O Brasil é um país que em sua formação histórica, social e, sobretudo, econômica, utilizou da escravidão de pessoas pretas como investimento - plantação de café e cana-de-açúcar; criação de gado; tarefas domésticas; extração de ouro e pedras preciosas, entre outros. Oficialmente o sistema escravista no país durou 388 anos e de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, estima-se que entre os séculos XVI e XIX, cerca de quatro milhões de homens, mulheres e crianças escravizadas foram trazidas forçosamente ao país. Vale lembrar que o Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão sendo que este processo se deu como manobra

⁴ **BRASIL.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Território brasileiro e povoamento – negros. 2000. Disponível em <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros#:~:text=Presen%C3%A7a%20negra,ter%C3%A7o%20de%20todo%20com%C3%A9rcio%20negreiro>. Acesso em 056 de junho de 2023.

política que visava manter o regime monárquico em tempos de crise, buscando a legitimação da herdeira do trono num contexto em que a escravidão já perdia legitimidade em âmbito mundial (FERRARO)⁵. Ainda assim, a utilização da mão de obra não se encerrou nesse recorte temporal havendo um distanciamento entre o discurso de liberdade e o que de fato acontecia.

As conseqüências deste período histórico reverberam ainda hoje no comportamento das pessoas, reveladas entre outros, pelo racismo, discriminação e segregação social da população negra no Brasil. São inúmeros os casos noticiados pela imprensa, nas redes sociais, como também em veículos de comunicação diversos. Dados divulgados no Atlas da Violência (CERQUEIRA)⁶, publicação conjunta do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), com relação à violência contra as pessoas negras, informam que:

Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. (CERQUEIRA)⁷.

Dentre os casos mais recentes repercutidos pela imprensa brasileira, mencionamos o de um estudante de uma escola pública do Distrito Federal que entregou uma esponja de aço à sua professora, alegando ser um presente (Portal Geledés)⁸; referimos, ainda, ao caso do homem que furtou duas barras de chocolate e foi levado por policiais de São Paulo, com os pés e mãos amarrados -

⁵ FERRARO, Marcelo. A abolição da escravatura. **Hoje na História**. Entrevista de Lara Tannus. 2018. Disponível em <https://www.fflch.usp.br/596>. Acesso em 06 de junho de 2023.

⁶ CERQUEIRA, Daniel *et al.*. **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2023.

⁷ CERQUEIRA, Daniel *et al.*. *Ibidem* Op.cit. 2021, p. 49.

⁸ MENDES, Michele. **Aluno entrega esponja de aço como presente a professora negra no DF**. 14/03/2023. Disponível em <https://www.geledes.org.br/aluno-entrega-esponja-de-aco-como-presente-a-professora-negra-no-df/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

ato não previsto em Lei, nem nos protocolos da polícia do Estado (Carta Capital)⁹; mulher surda mantida durante trinta anos em trabalho análogo à escravidão, por um Desembargador (Mundo Negro)¹⁰; mulher atendida numa clínica, em que a médica ginecologista afirmou que mulheres negras têm tendência a ter odor mais forte nas partes íntimas (Mundo Negro)¹¹... O que estes casos têm em comum? Todos eles envolvem pessoas negras na condição de corpos de sujeitos sociais humilhados, em situação de subalternidade, repressão e marginalização social pela dinâmica racista.

E se fôssemos continuar a listar, seriam inúmeros os casos de violência racial tanto no âmbito mais privado quanto na esfera pública, sobretudo nos últimos anos, em que vivenciamos um Brasil marcado pela naturalização e legitimação social de práticas racistas, tempos de preconceitos de toda ordem, de limitação intelectual, desmonte da educação, destruição ambiental entre outras questões que expuseram um pacto perverso baseado em uma lógica opressora, na negação da história, no afastamento do pensamento crítico, fazendo um caminho contrário, que nos distanciava da solidariedade, do pluralismo de ideias, da justiça social, da diversidade etc.. Segundo Castilho e Lemos¹²:

A necropolítica de Bolsonaro utiliza o Estado para subjugar qualquer possibilidade de vida ao poder da morte. Não se trata de ações desconexas, eventuais, pontuais ou excepcionais, trata-se, sim, de ações políticas que se transformaram em regra e não em exceção, que define quem importa e quem não tem importância, quem é essencial e quem é descartável. A opção pela violência e

⁹ CARTA CAPITAL. Policiais de SP amarraram mãos e pés de homem negro: ‘cena de tortura’. 07/06/2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policiais-de-sp-amarram-maos-e-pes-de-homem-negro-cena-de-tortura/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

¹⁰ FONSECA, Michael. **Desembargador é acusado de manter mulher negra, surda e muda em trabalho análogo à escravidão por 30 anos**. 12/06/2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/desembargador-e-acusado-de-manter-mulher-negra-surda-e-muda-em-trabalho-analogo-a-escravidao-por-30-anos/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

¹¹ ANTHUNES, Arthur. **Ginecologista vira ré após dizer que mulheres negras têm “odor forte” em partes íntimas**. 12/06/2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/ginecologista-vira-re-apos-dizer-que-mulheres-negras-tem-odor-forte-em-partes-intimas/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

¹² CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. Espaço temático: violência, saúde e classes sociais. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 269-279, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TyMKscqwjWfwpbScmWpwCvc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 de junho de 2023. p. 271.

morte neste governo é incorporada aos processos institucionais, numa espécie de industrialização da morte, [...]. A burocratização [...] é um exemplo explícito de como estes mecanismos institucionais acabam contribuindo para aumentar cada vez mais os índices de desigualdade social no País por meio de uma política de morte, arquitetada nos porões do Planalto.

Felizmente, estão sendo retomadas, institucionalmente, pautas antes minimizadas, deixadas de lado e/ou relativizadas (ao menos de forma oficial pelo Estado brasileiro), num vislumbre da necessidade de debate, discussão e tomada de posição. Atentos a este contexto, como educadores, pensamos muito na frase de Ângela Davis¹³, quando ela nos fala da necessidade de sermos antirracistas numa sociedade racista. Significa dizer da necessidade de se combater enfaticamente o racismo, desmistificar ideias racistas e construir positivamente outra história. Neste contexto de retomada, voltando nossos olhares para as práticas e atitudes racistas existentes, constantemente reiteradas e enraizadas na sociedade brasileira, entendo que a Educação escolar aliada a diversas discussões e debates em outros espaços formais e não formais de Educação, tem um papel fundamental, especialmente ao enfatizar a Educação para as relações étnico-raciais.

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo (BRASIL)¹⁴.

Neste sentido, é necessário o fortalecimento destas pautas ante a eminência da reconstrução histórica e observância de posicionamentos contrários

¹³ DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

¹⁴ **BRASIL**. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana 2004. Disponível em https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em 12 de junho de 2023. p. 7.

ao discurso emancipatório, que não se esgotaram com as eleições de outubro de 2022 - vide os ataques à Democracia brasileira em oito de janeiro de 2023. Destacamos que as discussões promovidas na disciplina ‘Relações Étnico-Raciais, Educação e Dinâmica Social no Brasil’, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, ampliou o entendimento enquanto educadores e pesquisadores atuantes na Educação Básica e na formação inicial de professores, num movimento de reflexão e ação que certamente reverbera em nossos processos formativos e no de nossos alunos e alunas. Para além, entendemos que as discussões da temática corroboram com as pesquisas que desenvolvemos desde o mestrado e que atualmente no processo de pós-doutoramento, discutimos a relação escola-localidade e observamos questões emergentes como a ancestralidade e a história das comunidades que se refletem na vida dos jovens de periferias urbanas (CORREIA)¹⁵.

Pensando na Educação Básica realizamos um recorte voltado para o trabalho com as relações étnico-raciais através da literatura infanto-juvenil, que entendemos ser elemento potencializador para a construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens. De acordo com Vóvio e Firmino¹⁶, “acredita-se que a produção de identidades positivas de negros e negras, [...], possa influir para desestigmatizar parcelas representativas da população brasileira cujas identidades e produções culturais têm sido constantemente negadas e depreciadas.”.

¹⁵ CORREIA, Sílvia Letícia Costa Pereira. **Entre Ruas e Ladeiras, Engomadeira Sou Eu!** Representações Socioespaciais de Professores sobre o bairro. Salvador. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Disponível em <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/02/SILVIA-LET%C3%8DCIA-COSTA-PEREIRA-CORREIA.pdf> Acesso em 26 de junho de 2023.

Representações Sociais e Cotidiano Escolar: Metáforas no/do/com/o Espaço Vivido e sua tessitura com o Currículo Praticado. Salvador. 2020. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2021/03/TESE-SILVIA-LETICIA-CORREIA-FINAL.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2023.

¹⁶ VÓVIO, Cláudia Lemos; FIRMINO, Estevão Armada. A construção de identidades étnico-raciais em eventos de letramento numa escola pública municipal de São Paulo. **Íkala**, Revista de Lenguaje y Cultura Medellín, Colombia, Vol. 24, Issue 2 (May-August, 2019), pp. 307-327. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/ikala/v24n2/0123-3432-ikala-24-02-00307.pdf>. Acesso em 19 de junho de 2023. p. 6.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é o de discutir a potencialidade da literatura infanto-juvenil para a construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens na Educação Básica. Embora haja certa complexidade quando nos referimos ao termo identidade, além de usos diversos causando discordâncias entre teóricos e militantes, para efeito desta construção textual, utilizamos o termo a partir da idéia de Gomes¹⁷, que assevera que

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana.

Partimos da seguinte questão norteadora: de que maneira a literatura infanto-juvenil potencializa a construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens em idade escolar? A resposta para esta pergunta envolveu uma investigação junto a treze professoras das Redes Públicas de ensino de Salvador e de Simões Filho, cidades da Bahia, que através de um questionário encaminhado às docentes, forneceram elementos para a escrita deste artigo. O mesmo está estruturado com esta parte introdutória; a descrição e análise dos dados empíricos da pesquisa cuja interpretação foi feita com base na análise do conteúdo, que é definida como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, [...]” (BARDIN)¹⁸. As reflexões feitas a partir da investigação realizada contaram com o suporte teórico de interlocutores como Gomes¹⁹, Souza²⁰, Quijano²¹, Gusmão²², entre outros. Na continuidade apresento as considerações finais e as referências que subsidiaram o estudo.

¹⁷ GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In **BRASIL**. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62. p. 41.

¹⁸ BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 42.

¹⁹ GOMES, Nilma Lino. *Ibidem*, 2005.

Identidade Étnico-Racial e Literatura Infanto-Juvenil: o que dizem docentes da Educação Básica

A investigação foi realizada no período de maio a julho de 2023, em cumprimento ao requisito parcial de avaliação da Disciplina Relações Étnico-Raciais, Educação e Dinâmica Social no Brasil, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo.

Participaram do estudo, treze professoras das Redes Pública de ensino das cidades de Salvador e Simões Filho/Bahia, que atuam no ensino fundamental. Para a coleta de dados foi utilizado o questionário, definido por Gil²³ como uma técnica de investigação composta por um dado número de questões apresentadas por escrito e que tem o objetivo de conhecer as opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas pelos participantes do estudo, acerca da temática abordada na pesquisa.

O questionário proposto e respondido por todas as professoras foi composto por uma parte inicial de caracterização das respondentes que versou sobre formação geral e específica, tempo de atuação na Educação Básica, autodeclaração, entre outros aspectos; e outra parte contendo cinco questões abertas, em que as participantes tiveram a liberdade para responder às perguntas propostas sem estarem limitadas a um rol de alternativas pré-definidas. Para Chaer, Diniz e Ribeiro²⁴, questões abertas apresentam “a vantagem de não haver

²⁰ SOUZA, Sérgio Luiz de. Conceituando Racismo, Não e Identidade. In SOUZA, Sérgio de. **Fluxos da Alteridade: Organizações negras e processos identitários no Nordeste Paulista e Triângulo Mineiro (1930-1990)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, SP: 2010, p. 69-96.

²¹ QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, 2005. pp. 117-142.

²² GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Linguagem, Cultura e Alteridade: Imagens do Outro. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP. **Revista Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 41 – 78, julho de 1999.

²³ GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 128.

²⁴ CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em

influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente.”. Mencionamos que antes da aplicação do questionário às professoras participantes, foi realizado um pré-teste com quatro professoras para identificar possíveis dúvidas, ambiguidades e/ou problemas eventuais acerca do instrumento. Os questionários foram enviados por e-mail às participantes que concordaram em colaborar com a investigação, e em caso de necessidade de aprofundamento de alguns pontos explicitados em suas respostas, recorreremos a uma abordagem mais individualizada.

As respostas dadas pelas professoras participantes com o estudo foram analisadas e interpretadas a partir da análise de conteúdo. Seguindo as recomendações de Bardin, procedemos à organização de todo o material coletado que compôs o *corpus* da investigação; feito isso, por meio da exploração do material, aprofundamos a análise à luz das hipóteses formuladas sobre o discurso e do referencial teórico; por fim, foram estabelecidas relações e conexões entre as categorias emersas do discurso das professoras, o que possibilitou a realização de inferências e interpretações. Estas etapas correspondem à pré-análise, à descrição analítica e à interpretação referencial. Silva, Gobbi e Simão²⁵ asseveram que:

[...] a proposta que acompanha a análise de conteúdo se refere a uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou grupos de representações para uma categorização dos fenômenos, a partir da qual se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação de realidade do grupo estudado.

Mencionamos ainda que as participantes foram identificadas no texto como Professora da Educação Básica (PEB), PEB 1 à PEB 13, tendo em vista o número de respondentes. Antes de proceder à descrição das questões e suas

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf.

Acesso em 06 de junho de 2023. p. 262.

²⁵ SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da Análise de Conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa Qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organ. rurais agroind.*, Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf>. Acesso em 06 de junho de 2023. p. 70.

respostas, é importante dizer que das professoras que colaboraram com o estudo, nenhuma tem formação específica voltada a Educação para as relações étnico-raciais. O tempo de atuação destas professoras na Educação Básica varia entre dois a vinte e nove anos. Todas se autodefinem como negras. Todas responderam integralmente ao questionário.

Iniciando a segunda parte do questionário proposto, uma das questões feitas às participantes foi: ‘como você entende o trabalho com as relações étnico-raciais nas Escolas?’. Para esta questão as respostas apresentadas destacaram a importância da temática para a construção da cidadania, da identidade, valorização da diversidade, representatividade. Estas questões estão presentes na fala da PEB 5, quando esta afirma que *as relações étnico-raciais (assim como as de gênero) ocupam posição de extrema importância no currículo de uma unidade escolar que deseja fazer um trabalho voltado para uma mudança significativa nas estruturas sociais através da formação crítica*. Outras professoras enfatizaram também que a temática precisa ser abordada de forma cotidiana e não apenas num período pontual como o mês de novembro em que se dedica “oficialmente”, um dia específico para abordagem da temática. Outras respostas destacaram entendimentos variados que ressaltaram a importância de abordagem:

Situar a criança na sociedade. Fazê-la entender que é um **ser social de direitos**, que sua identidade racial contribuiu positivamente para o Brasil que temos. Nossos ancestrais são autores legais das ciências que comandam o mundo, logo nossas crianças precisam conquistar o que nos roubaram. (PEB 3). Grifo nosso

Entendo que o trabalho com as relações étnico-raciais no âmbito escolar se faz necessário, diariamente, porque o racismo é revelado o tempo todo nas relações interpessoais, desde a invisibilidade do negro até agressão moral, física e psíquica. Não abordar o assunto em sala de aula é contribuir para o aumento da desigualdade racial. É na escola que o debate tem que surgir para **desconstruir** essa relação de subalternidade imposta secularmente ao povo preto, partindo da contação da verdadeira história de reis e rainhas, através de diversas literaturas existentes, tendo o negro como sujeito de sua própria história e

ajudar, desta forma, os estudantes a **construírem sua identidade negra**. Chega ser violento o docente fazer vista grossa à realidade excludente que o sistema colocou aos descendentes de pessoas escravizadas, que são assassinadas, marginalizadas, invisibilizadas e desumanizadas. (PEB 11). Grifo nosso

É de suma importância discutir efetivamente as relações étnico-raciais para que dentro da escola e além dela possamos colocar em prática uma temática que perpassa por **questões históricas, sociais e culturais**. Além da reparação que deve ser vista como resistência cotidiana, a escola também tem a função de colaborar **desmistificando e refutando construções agressivas** construídas ao longo da história. (PEB 15). Grifo nosso

Corroborando com esta linha de pensamento, a PEB 4, enfatiza sobre representatividade, valor e beleza, ao dizer que *quando os estudantes compreendem a beleza, a inteligência, a resistência, a riqueza e a realeza do povo negro, é possível **empoderar-se** para combater o racismo estrutural tão presente em suas vidas*. Corroborando com a questão, a respondente PEB 6, afirma que *as crianças precisam se sentir **empoderadas**, valorizadas e que a cor da pele não é motivo para desvalorização ou diminuição. Temos igualdades de direito perante a lei e precisamos combater qualquer tipo de atitude que vá de encontro a isso*.

Nas respostas das professoras, destacamos algumas palavras e expressões tais como *ser social de direitos, desconstruir, construir sua identidade negra, questões históricas, sociais e culturais, desmistificando e refutando construções agressivas e empoderar-se*. Estes, a nosso ver, são pontos de atenção cruciais para qualquer educador ou educadora que busque trabalhar uma Educação para as relações étnico-raciais. O estabelecimento de um padrão racial foi construído historicamente e estabelecido ao longo de séculos sendo que de acordo com Souza²⁶, “[...] os efeitos destes juízos de valor racistas contidos na identidade nacional homogeneizadora posta como medida de todas as “outras” expressões identitárias, como conformação da exclusão e hierarquização social [...] articuladas sob o manto da hierarquia de culturas”, teve diversas implicações

²⁶ SOUZA, Sérgio Luiz de. Op. Cit. p. 70

negativas, sobretudo ao povo preto. Segundo Quijano²⁷, corrobora com esta ideia ao falar sobre a formação das relações sociais fundada no conceito de raça que

produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.

Neste sentido é importante que estudantes conheçam criticamente aspectos históricos e sociais para que voltem seus olhares à história brasileira mais antiga e atual, desconstruindo, desmistificando e refutando a partir desta mesma história, equívocos existentes. Entender-se como ser social de direitos auxilia na construção e fortalecimento das identidades negras na pluralidade de culturas negras afro-brasileiras, levando ao empoderamento. Piva²⁸ diz que “a educação das relações étnico-raciais deve ser o resultado da luta política voltada para a construção de uma escola e de práticas pedagógicas que insiram a diversidade, promovam a reflexão, a mudança de postura, estimulando práticas coletivas de combate ao racismo e à discriminação”, por uma educação antirracista.

A segunda questão proposta foi: ‘quais assuntos são mais recorrentes e/ou precisam ser tratados com crianças e jovens quando falamos sobre as questões étnico-raciais?’. Para esta pergunta, as respostas indicaram alguns assuntos tais como: racismo, injúria e discriminação (08 respondentes, cerca de 61%); identidade racial, autoestima, estética negra, história da África, cultura afro-

²⁷ QUIJANO, A. Op. Cit. p. 117

²⁸ PIVA, Caroline Tito Miranda. Educação das relações étnico-raciais e prática pedagógica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 04, Vol. 02, pp. 49-61. Abril de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/relacoes-etnico-raciais>. Acesso em 19 de junho de 2023. p. 12

diaspórica (12 respondentes, cerca de 92%); ancestralidade (12 respondentes, cerca de 92%); saberes e tecnologia africana (09 respondentes, cerca de 69%); costumes e cultura de um povo (10 respondentes, cerca de 76%); modo de vida (06 respondentes, cerca de 46%); identidade e etnicidades (10 respondentes, cerca de 76%); medicina, religiões de matrizes africanas, valorização dos feitos dos povos afro-brasileiros em diferentes áreas (10 respondentes, cerca de 76%). Para a participante identificada como PEB 10:

Quanto mais cedo crianças e jovens tiverem acesso a essas informações, perceberem o seu valor e importância, melhor. A criança precisa ter a noção de **pertencimento**, saber que tem **origem**, que veio de algum lugar. Precisa saber que não brotou do nada, que existe um fio condutor que a liga a sua **ancestralidade**, sua origem. Ela precisa saber de onde veio para ter clareza para onde vai, construir sua autonomia e ser sujeito de sua própria ação. Grifo nosso

Reitero, a partir das falas das docentes, as questões de pertencimento, origem e ancestralidade que reforçam os conteúdos emergidos nas respostas dadas para a primeira questão, considerando que serão possíveis de serem trabalhadas mediante o conhecimento histórico que impulsiona o desenvolvimento de um trabalho pedagógico voltado ao empoderamento e conseqüente construção das identidades negras. Saber quem sou auxilia no entendimento do para onde vou e onde quero chegar. É uma questão referencial e de enraizamento. Essa assertiva baseia-se na afirmação de Gomes²⁹ quando a autora noz diz que “reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.”

Com relação à questão ‘você costuma abordar temas vinculados à temática das relações étnico-raciais? De que maneira?’, todas as professoras colaboradoras com a investigação, responderam afirmativamente. Nas Diretrizes

²⁹ GOMES, Nilma Lino. Op. Cit. p. 42.

Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana está posto que:

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. (BRASIL)³⁰.

Ressalta-se que as respondentes informaram que a abordagem da temática se dá, em sua maioria, de forma interdisciplinar, a partir de projetos de leitura, textos, notícias, debates, livros paradidáticos, entre outros, realizados por iniciativas isoladas nas escolas. Ou seja, não se trata de projetos articulados, mas de propostas feitas por docentes que entendem a necessidade de abordagem e de um trabalho em conjunto com outras disciplinas, ainda que seja, como mencionado, ações individuais que por vezes alcança o envolvimento do coletivo. A respondente PEB 1 diz que *enquanto espaço escolar, estudamos sobre a história do lugar, a história africana projetada na comunidade, a história africana e sua influência na nossa cultura*. Já a respondente PEB 7 informou que costuma abordar temas relacionados às questões raciais desde quando se iniciou a carreira docente há vinte e nove anos, sendo que segundo ela, *em nenhum dia sequer a temática deixou de ser pauta prioritária em minha prática docente*. A respondente identificada como PEB 12, escreveu:

Sim, em todas as unidades do ano letivo. Costumo iniciar o ano com uma viagem na cultura, arte africana e afro-brasileira, trazendo e pedindo que encontrem referências em seu cotidiano e fruindo das suas poéticas. Em 2022 propus e desenvolvi com apoio e participação ativa de toda comunidade escolar o projeto Feira Afro, que reuniu uma série de investigações que os estudantes realizam acerca do universo da afro-brasilidade que teve por culminância uma grande feira que celebra a história e a ancestralidade afro-centrada. Vale ressaltar que a lei 10.639/03

³⁰ BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Op. Cit. p. 17.

(está completando 20 anos) determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira tanto na rede pública quanto na rede particular. No entanto, para que de fato seja cumprida, é necessária uma atuação mais efetiva dos poderes públicos, a começar pela formação dos professores na graduação, maior engajamento das Secretarias de Educação neste sentido, dentre outras ações pertinentes, para que assim possamos munir a nossa sociedade com a nossa própria história.

A fala desta professora chama atenção para a necessidade de formação que supomos, esteja relacionada aos docentes da Educação Básica. Esta, inclusive é uma prerrogativa presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que menciona acerca da obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica como “decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores” (BRASIL)³¹. No entanto, particularmente entendemos que esta necessidade se estende a todo educador e educadora em qualquer nível e modalidade de ensino seja ela formal ou não formal. Vale dizer que a temática envolve não somente o estudo da História como também da Geografia, considerando que estas áreas estão interconectadas em suas abordagens. Desta forma, assevera Lastória³², a Didática destas disciplinas contribui, sobremaneira, com a natureza da formação que os professores adquirem no ensino de graduação e pós-graduação, sendo importante a valorização dessas áreas do conhecimento nos currículos e programas educativos.

Outra respondente nos diz que uma das estratégias que ela utiliza, é se reconhecer como negra perante os estudantes: *me apresento. Digo que sou negra e alguns se espantam até porque para alguns é vergonhoso dizer. É melhor dizer que é moreno, moreno escuro... a partir da minha afirmação alguns se sentem mais confortáveis em dizer que também são. (PEB 2)*. A importância desta auto-declaração da professora ante os estudantes é a possibilidade da

³¹ BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Op. Cit. p. 17.

³² LASTÓRIA, Andrea Coelho. Didática da geografia e da história e a formação de professores. In: ASSOLINI, F. E. P.; LASTÓRIA, A.C. (orgs). **Formação continuada de professores: processos formativos e investigativos**. Ribeirão Preto: Compacta, 2010.

referência positiva, que também é uma questão de representatividade, de reconhecimento, de um distanciamento e uma aproximação em relação a outros. Gusmão³³, ao discutir sobre linguagem, cultura e alteridade nos relembra sobre “a falácia de que somos herdeiros: a de que o homem branco, racional, civilizado, masculino, adulto, seja medida de todas as coisas.”. A autora prossegue dizendo que:

[...] a educação como prática pedagógica, apesar da tradição homogeneizante, coloca-se diante do desafio de ter de reconhecer as diferenças e transformá-las em matéria-prima da compreensão e da solidariedade humana. A escola como instituição máxima do processo educativo, não sabe ainda, como resolver o impasse que emerge da diversidade sociocultural de seus alunos. (GUSMÃO)³⁴.

Na quarta questão, foi perguntando: ‘você já trabalhou a temática a partir de algum livro infanto-juvenil? Se sim, qual? Pode contar brevemente a sua experiência?’. Nesta questão foram mencionados pelas respondentes a realização de projetos de leitura, com diversos livros. Uma professora afirmou trabalhar a temática a partir de *uma leitura leve, simples, utilizando atividades como conto, pintura e encenação (PEB 6)*. A PEB 8 nos conta que desenvolve o trabalho com as relações étnico-raciais através de diversos gêneros textuais como contos, poemas, músicas, histórias, provérbios africanos e enfatiza que *a literatura em minhas aulas, é uma verdadeira aliada*.

Foi destacado, ainda, que o trabalho com as relações étnico-raciais a partir da literatura infanto-juvenil é realizado cotidianamente selecionando e utilizando materiais de maneira interdisciplinar, que ressaltem o protagonismo negro, livros atuais de histórias, vídeos e curtas voltados para crianças e jovens. E muito embora este seja o público mais mencionado pelas professoras respondentes da pesquisa, uma delas falou sobre o público da Educação de Jovens e Adultos com o qual atua, dizendo do trabalho realizado a partir do livro Quarto de Despejo, de

³³ GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Op. Cit. p. 42.

³⁴ GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. *Ibidem*, 199. p. 43.

Maria Carolina de Jesus. Muito embora não seja este considerado um livro de literatura infanto-juvenil, é um clássico da literatura de resistência brasileira.

Outros livros relacionados pelas professoras foram: ‘Vista a minha pele’ (Silas Corrêa Leite); ‘Epé Laiyé’ (Mãe Stella de Oxóssi); ‘Makeba vai à escola’ (Ana Fátima); ‘As Mulheres Abayomi’ (Adilson Passos), ‘As Tranças de Bintou’ (Sylviane Diouf); ‘Menina Bonita do Laço de Fita’ (Ana Maria Machado); ‘As Panquecas de Mama Panya’ (Richard Chamberlin); ‘Sinto o que sinto’ e ‘Amoras’ (Lázaro Ramos); ‘A história preta das coisas’ e ‘A história pretinha das coisas’ (Bárbara Carine); ‘O menino marrom’ (Ziraldo); ‘O amigo do Rei’ (Ruth Rocha); ‘As Tranças de Minha Mãe’ (Ana Fátima); ‘Chutando Pedrinha’ (Vanessa Fonseca); ‘As bonecas da vó Maria’ (Mel Duarte); ‘Os cabelos de Sara’ (Gisele Gama); ‘Kiriku e a Feiticeira’ (Michel Ocelot); ‘Minha Família é colorida’ (Georgina Martins); ‘Alika’ (Regina Luz); ‘O vestido de Jamela’ (Niki Daly). A seguir, estão alguns relatos a partir dos livros mencionados, a exemplo do relato da PEB 5:

Uma das experiências que trabalhei foi o Concurso ‘Tem booktubers na Parque’ onde os estudantes a partir da leitura de alguns livros da escritora Gisele Gama adotaram um e recontaram a história fazendo o papel dos personagens em vídeo. Outra experiência também foi uma Série de recontos narrados chamado: Histórias recontadas por nós! Onde os estudantes narraram as histórias escolhidas com a utilização da imagem do livro também em vídeo.

Já a PEB 9 fala acerca de sua experiência a partir do livro ‘Canção dos Povos Africanos’ (Fernando Paixão):

O texto nos apresenta a cosmovisão africana segundo a qual educar é uma tarefa coletiva e um processo de formação amorosa para a vida. Convida-nos a pensar no significado de uma canção que é também identidade relacionando-a a momentos especiais de nossa existência – gestação, nascimento, processo educativo, casamento e morte - e a valores e princípios éticos e morais como liberdade, erro, culpa, punição, perdão, amor e recuperação”. Através deste título que está disponível na unidade escolar, já realizei uma série de desdobramentos envolvendo arte e identidade, que vão desde a leitura ao deslocamento de

personagens para criação de outras histórias autorais ilustradas pelos estudantes.

Outro relato feito foi da PEB 14:

Trabalhei e trabalho a temática de forma contundente ao longo dos anos na minha prática pedagógica. Trabalhei o livro *Menina Bonita do Laço de Fita* com os estudantes do 6º ano, no colégio em que atuo. Comecei com a Dinâmica do Espelho - na caixa de papelão, coleí um espelho e pedi que os estudantes descrevessem o que viam e se gostavam da imagem na caixa. Muitos estudantes negaram sua cor, seus cabelos e a descrição de vários deles destoavam das características físicas reais. Não fiz nenhuma interferência, só ouvia e me surpreendia “como era violento essa não aceitação, essa destruição da imagem, que sociedade cruel!”. Pensava. Na aula seguinte coloquei no quadro: *Menina Bonita do Laço de Fita*, como seria essa menina bonita? Sem mostrar a capa do livro, elencaram vários tipos de meninas... Nenhuma chegava a ser preta com a menina da história. Apresentei a capa e comecei a leitura dramatizada. O livro conta a história de uma garota negra e um coelho branco. O coelho nunca havia visto uma menina tão linda e queria ficar da cor dela... Foi uma experiência maravilhosa, tive a oportunidade de fazer com que os estudantes ficassem diante de sua realidade.... Usei a literatura como porta de entrada para trabalhar as questões étnico-raciais.

Observa-se, pela menção feita pelas professoras participantes com o estudo, certa variedade de livros com a temática étnico-racial disponível e que podem ser utilizados no trabalho pedagógico no ensino fundamental. Isto nos leva a inferir que os marcos legais além da abertura para escrita de materiais com este teor, atendem a um anseio e à realidade social existentes, sendo que a literatura de uma forma geral e especificamente a literatura infanto-juvenil, reflete a dimensão das questões contemporâneas que tocam os sujeitos sociais traduzindo-se em questões também relacionadas à representatividade. Vale dizer, usando as palavras de Candido³⁵, que

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento

³⁵ CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 5 ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2011. p. 113

intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

A última questão proposta às respondentes foi: ‘o que você entende ser a contribuição da literatura voltada para as questões étnico-raciais no trabalho educativo?’. A esta questão, uma das professoras respondeu que o trabalho com literatura *é uma grande oportunidade, para as crianças se sentirem representadas (PEB 2)*. A PEB 7 enfatiza a necessidade de se trabalhar com obras literárias escritas por pessoas pretas, priorizando estes autores. Segundo a docente, *ninguém escreve sobre o negro tão bem como o próprio negro. A escolha literária deve ser feita com reflexão. Uma escolha errada pode causar efeito contrário e contribuir mais ainda pra o desgaste das relações étnico-raciais*.

A PEB 13 e a PEB 1, informam sobre seus entendimentos acerca da contribuição da literatura, relacionado às questões estéticas e de diversidade:

Os livros têm uma grande capacidade de mexer com o imaginário das crianças, fazendo com que elas percebam características próprias nos personagens, sejam elas físicas ou de personalidade e muitas vezes desperta o desejo de querer ser o personagem da história. Sabendo disso, a literatura tem uma grande contribuição na valorização e reconhecimento da diversidade humana uma vez que pode ajudar na construção do respeito à pluralidade e permitir que crianças se sintam representadas em obras literárias. (PEB 13).

Através das literaturas a criança começa a se perceber nas ilustrações, ver tom de pele semelhante, cabelo; a perceber que existem diferenças que nos tornam únicos e que essa diversidade precisa ser respeitada. Auxilia na conscientização, na construção do respeito ao outro e de auto-estima. (PEB1).

Inferimos, portanto, que o trabalho com a literatura voltada para as questões étnico-raciais cria em certa medida, um campo de referência positiva, a partir do momento em que a criança e o jovem passam a ter como parâmetro, uma dada personagem cuja estética se aproxima da sua, por exemplo. Para

Peres, Marinheiro e Moura³⁶ “os livros de literatura infantil representam esta “heteroidentidade”, sendo a expressão simbólica do olhar do outro, atuam diretamente na formação de uma consciência de mundo e no processo de construção identitária das crianças”.

Neste sentido, a potencialidade de uma identificação a partir do “ler sobre si”, em diferentes literaturas, envolve a sensibilidade para o cotidiano, o reconhecimento de um contexto sócio-político, auxiliando no próprio processo de humanização ou em seu próprio (re)conhecimento. As implicações deste entendimento, reverberam na forma como as literaturas são utilizadas pedagogicamente, estando para além das diretrizes e orientações curriculares, sendo entendida e trabalhada na perspectiva de ser a literatura, um elemento conectivo entre o sujeito leitor – crianças e jovens – e a realidade sócio-histórica e política.

Outras contribuições apontadas estão relacionadas ao protagonismo e ao papel formativo das literaturas:

A literatura é uma das minhas inspirações no ensino de Artes e na minha vida como um todo. Através de escritos o estudante tem a possibilidade de se reconhecer no passado e se sentir estimulado a ser protagonista no presente. (PEB 12).

A literatura sempre terá papel formativo imprescindível, de informação e de quebra de paradigmas. A leitura com foco educacional proporciona uma releitura e desconstrução de ideias e ações estruturais na desvalorização da etnia racial de um povo, excepcionalmente o negro. (PEB 15).

Observa-se nas falas acima, a menção feita ao reconhecimento do passado, ao protagonismo, ao papel formativo, à quebra de paradigmas, entre outros elementos apontados, retificando o entendimento de que a construção da identidade infantil passa por referenciais contextuais e humanos através dos quais

³⁶ PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A Literatura Infantil na formação da identidade da criança. **PRÓ-DOCÊNCIA**. Revista Eletrônica das Licenciaturas/UEL. Edição N°. 1, Vol. 1, jan-jun. 2012 Disponível em <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>. Acesso em 05 de janeiro de 2024. p. 9

a criança se vê representada no mundo. Segundo Silva³⁷, partindo desta, “essa condição formativa define sua forma de se perceber e se situar na vida, sendo salutar a preocupação com a representação de personagens, desenhos e, principalmente, das histórias contadas na escola em um momento importante para o desenvolvimento da autoestima, autoimagem e cognição.

As experiências, entendimentos e relatos aqui descritos, corroboram com a compreensão de que a literatura infanto-juvenil, sobretudo produzida nos últimos tempos, fornecem elementos para o trabalho com a questão identitária abrindo caminhos possíveis para o trabalho pedagógico com questões diversas à exemplo da valorização da diversidade e pluralidade étnico-racial de gênero e de classe.

Considerações Finais

Este artigo discutiu a potencialidade da literatura infanto-juvenil para a construção da identidade étnico-racial em crianças e jovens na Educação Básica, na perspectiva de treze professoras, considerando a seguinte questão: de que maneira a literatura infanto-juvenil potencializa a construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens em idade escolar? Ao longo do texto foram explicitadas as respostas dadas pelas docentes a um questionário composto por uma parte inicial, que envolveu a caracterização das respondentes e outra parte com cinco questões abertas, que inquiriram sobre seus entendimentos acerca da Educação para as relações étnico-raciais e sobre o trabalho com esta temática a partir da literatura infanto-juvenil.

Infere-se, pelas colocações feitas pelas docentes e pelas análises realizadas com base no quadro teórico, que o combate ao racismo e a construção da identidade étnico-racial, é um processo possível, que deve ser feito cotidianamente, ainda que seja um algo demorado que requer persistência e criatividade por parte das docentes. Ao que tudo indica, a maioria dos relatos aqui apresentados foram resultado de ações isoladas destas docentes – o que nos

³⁷ SILVA, Paula Lapenda Labanca da. Alteridade e construção da Identidade na infância: o protagonismo de personagens negros na literatura. **Encontros de Vista**, Recife, 20 (2): 52-63, jul./dez. 2017. p. 52

sinaliza uma lacuna por parte das Instituições escolares, que deixam de cumprir um papel social e político efetivo ao silenciar em seus currículos a abordagem da temática, tendo inclusive prejuízo no sentido de limitar o trabalho com a temática a este ou aquele docente, não ampliando a discussão de forma conjunta e articulada. Vale dizer que mesmo não tendo uma formação específica para a Educação das relações étnico-raciais, estas docentes tiveram a sensibilidade e expertise para desenvolverem trabalhos que agregam à questão.

Segundo Farias³⁸:

A interação com livros que valorizem a cultura negra é importante para todas as crianças, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, a fim de desmistificar essa suposta superioridade do branco sobre o negro. É importante quebrar esses paradigmas que foram praticamente cristalizados pelo tempo e darmos voz à cultura afrodescendente em suas diversas ramificações estéticas, artísticas e históricas, que são tão ricas e fundamentais na formação étnica do nosso país, fornecendo a criança negra modelos positivos e reais de representação tanto nas ilustrações quanto nos textos infantis.

Retomando a questão norteadora do artigo, entendemos que ao trabalhar com a literatura infanto-juvenil, é possível abordar questões estéticas, históricas, de diversidade, além de suscitar indagações e estimular a criatividade, contando com a mediação pedagógica de docentes. A utilização da literatura infanto-juvenil como disparador de discussões e reflexões sobre questões presentes em nossa sociedade potencialmente auxilia na construção das identidades étnico-raciais em crianças e jovens em idade escolar pois ao se colocar em pauta diferentes visões de mundo, pluralidade de percepções oriundas da cultura africana e de outras culturas, o estudo da cultura e da história africana, questões relativas ao racismo e ao preconceito, dentre outros temas mencionados ao longo do artigo e sinalizados pelas docentes participantes do estudo, reverbera na produção dos sujeitos sociais e suas identidades. Aliás, a identidade é algo construído e como tal, uma produção social que precisa ser fomentada.

³⁸ FARIAS, Jéssica Oliveira. A representação do Negro na Literatura Infantil brasileira. *Periferia*, vol. 10, núm. 1, pp. 17-32, 2018. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5521/552157593002/html/>. Acesso em 20 de junho de 2023. p. 32

A partir da leitura, como colocado no título deste artigo, o “ler sobre si”, pode reverberar de forma positiva considerando a abordagem, a escolha da Obra entre outros aspectos - isto passa pela formação docente. Segundo Silva³⁹, “sob esse prisma, o acesso a textos literários, que apresentem a representação de protagonistas negros com imagens enriquecedoras, seria favorável para o desenvolvimento e consolidação da autoestima das crianças”, e de jovens, acrescentamos. Agrega-se a isto a vinculação ao discurso do diferente como algo positivo, singular e desta forma, a literatura se constitui potencialmente em uma alternativa para a desconstrução de estereótipos por uma Educação antirracista.

Referências Bibliográficas

ANTHUNES, Arthur. Ginecologista vira ré após dizer que mulheres negras têm “odor forte” em partes íntimas. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/ginecologista-vira-re-apos-dizer-que-mulheres-negras-tem-odor-forte-em-partes-intimas/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Território brasileiro e povoamento – negros. 2000. Disponível em <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros#:~:text=Presen%C3%A7a%20negra,ter%C3%A7o%20de%20todo%20com%C3%A9rcio%20negreiro>. Acesso em 056 de junho de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana 2004. Disponível em https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_par

³⁹ SILVA, Paula Lapenda Labanca da. *Ibidem*, 2017. p. 54

[a o ensino de historia e cultura afro brasileira e africana.pdf](#). Acesso em 12 de junho de 2023.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 5 ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2011.

CARTA CAPITAL. Policiais de SP amarraram mãos e pés de homem negro: ‘cena de tortura’. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policiais-de-sp-amarram-maos-e-pes-de-homem-negro-cena-de-tortura/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. Necropolítica e governo Jair Bolsonaro: repercussões na seguridade social brasileira. Especo temático: violência, saúde e classes sociais. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 269-279, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/TyMKscqwjWfwpbScmWpwCvc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 de junho de 2023.

CERQUEIRA, Daniel *et al.*. **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2023.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigo_s/pesquisa_social.pdf. Acesso em 06 de junho de 2023.

CORREIA, Silvia Letícia Costa Pereira. **Entre Ruas e Ladeiras, Engomadeira Sou Eu!** Representações Socioespaciais de Professores sobre o bairro. Salvador. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Universidade do Estado da Bahia.

Departamento de Educação. Disponível em <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/02/SILVIA-LET%C3%8DCIA-COSTA-PEREIRA-CORREIA.pdf> Acesso em 26 de junho de 2023.

CORREIA, Silvia Letícia Costa Pereira. **Representações Sociais e Cotidiano Escolar: Metáforas no/do/com/o Espaço Vivido e sua tessitura com o Currículo Praticado**. Salvador. 2020. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2021/03/TESE-SILVIA-LETICIA-CORREIA-FINAL.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** [recurso eletrônico]. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

FARIAS, Jéssica Oliveira. A representação do Negro na Literatura Infantil brasileira. **Periferia**, vol. 10, núm. 1, pp. 17-32, 2018. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5521/552157593002/html/>. Acesso em 20 de junho de 2023.

FERRARO, Marcelo. A abolição da escravatura. **Hoje na História**. Entrevista de Lara Tannus. 2018. Disponível em <https://www.fflch.usp.br/596>. Acesso em 06 de junho de 2023.

FONSECA, Michael. **Desembargador é acusado de manter mulher negra, surda e muda em trabalho análogo à escravidão por 30 anos**. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/desembargador-e-acusado-de-manter-mulher-negra-surda-e-muda-em-trabalho-analogo-a-escravidao-por-30-anos/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In **BRASIL**. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Linguagem, Cultura e Alteridade: Imagens do Outro. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP. **Revista Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 41 – 78, julho de 1999.

LASTÓRIA, Andrea Coelho. Didática da geografia e da história e a formação de professores. In: ASSOLINI, F. E. P.; LASTORIA, A.C. (orgs). **Formação continuada de professores: processos formativos e investigativos**. Ribeirão Preto: Compacta, 2010.

MENDES, Michele. **Aluno entrega esponja de aço como presente a professora negra no DF**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/aluno-entrega-esponja-de-aco-como-presente-a-professora-negra-no-df/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A Literatura Infantil na formação da identidade da criança. *PRÓ-DOCÊNCIA*. **Revista Eletrônica das Licenciaturas/UEL**. Edição Nº. 1, Vol. 1, jan-jun. 2012 Disponível em <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>. Acesso em 05 de janeiro de 2024.

PIVA, Caroline Tito Miranda. Educação das relações étnico-raciais e prática pedagógica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 04, Vol. 02, pp. 49-61. Abril de 2020. Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/relacoes-etnico-raciais>.

Acesso em 19 de junho de 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2005. pp. 117-142.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da Análise de Conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa Qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organ. rurais agroind.**, Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf>. Acesso em 06 de junho de 2023.

SILVA, Paula Lapenda Labanca da. Alteridade e construção da Identidade na infância: o protagonismo de personagens negros na literatura. **Encontros de Vista**, Recife, 20 (2): 52-63, jul./dez. 2017.

SOUZA, Sérgio Luiz de. Conceituando Racismo, Não e Identidade. In SOUZA, Sérgio de. **Fluxos da Alteridade: Organizações negras e processos identitários no Nordeste Paulista e Triângulo Mineiro (1930-1990)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, SP: 2010, p. 69-96.

VÓVIO, Claudia Lemos; FIRMINO, Estevão Armada. A construção de identidades étnico-raciais em eventos de letramento numa escola pública municipal de São Paulo. **Íkala**, Revista de Lenguaje y Cultura Medellín, Colombia, Vol. 24, Issue 2 (May-August, 2019), pp. 307-327. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/ikala/v24n2/0123-3432-ikala-24-02-00307.pdf>. Acesso em 19 de junho de 2023.

Recebido em 18/09/2023
Aprovado em 22/03/202

270